

A cigarra surda e as formigas: uma proposta de como integrar literatura e inclusão

Lucelene Huf¹

Jaqueleine Ruth de Mattos²

Stefane Katriny Koop³

Sandra Mara da Silva Marques Mendes⁴

Resumo: O estudo da literatura é imprescindível na sala de aula para formar sujeitos críticos, conscientes e que estejam adeptos à sociedade. Por isso, é relevante trabalhar com a literatura surda em uma aula de língua portuguesa, incluindo os alunos surdos. Como a disposição de materiais é escassa, tecemos esse artigo a fim de auxiliar os docentes nas suas práticas pedagógicas, dessa forma, elencamos algumas sugestões de atividades para o trabalho com os discentes, explorando as características do gênero fábula de forma a refletir sobre valores morais e sociais nelas presentes e sensibilizar os alunos para a importância da inclusão, oportunizando o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação. Como aporte teórico, selecionamos Bleicher (1992), dialogando sobre a hermenêutica; a Base Nacional Comum Curricular apontando sobre a obrigatoriedade da inclusão escolar; a Lei 10.436 e o Decreto 5.626, que regulamenta a Lei Brasileira de Sinais; Antônio Candido (1995), sobre o direito fundamental à literatura; Jauss (1979), com a estética da recepção; Zilberman (1989) com a estética da recepção e história da literatura; Solé (1998), com as estratégias de leitura; Stock (2010), Mourão (2011) e Sutton-Spence (2021), trazendo a importância da literatura surda. A metodologia

¹ Graduada em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: lucelenehufprof@gmail.com

² Graduada em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: jaquelinemattos2002@gmail.com

³ Graduada em Filosofia (2018) e em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa (2024) pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: stefanekoopk@gmail.com

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Professora colaboradora no curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0361924575446057>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4602-5452>. E-mail: profesandramendes@gmail.com

consistiu na pesquisa bibliográfica em materiais que dialogassem sobre a literatura surda, a sua importância e aplicabilidade em sala de aula; sugestões de algumas atividades práticas e lúdicas a partir da fábula A cigarra surda e as formigas. Dessa maneira, a inclusão pode ser tema de discussão e reflexão nas aulas, possibilitando aos alunos compreender e respeitar a cultura surda.

Palavras-chave: Literatura surda; Leitura; Inclusão.

The deaf cicada and the ants: a proposal for integrating literature and inclusion

Abstract: The study of literature is essential in the classroom to form critical and conscious individuals who are engaged with society. Therefore, it is relevant to work with deaf literature in a Portuguese language class, including deaf students. Since the availability of materials is scarce, we crafted this article to assist teachers in their pedagogical practices. Thus, we listed some activity suggestions for working with students, exploring the characteristics of the fable genre in order to reflect on the moral and social values present in them and to raise students' awareness about the importance of inclusion, providing opportunities for the development of reading and interpretation skills. As theoretical support, we selected Bleicher (1992), discussing hermeneutics; the Common National Curricular Base pointing out the mandatory nature of school inclusion; Law 10.436 and Decree 5.626, which regulate the Brazilian Sign Language Law; Antonio Cândido (1995), on the fundamental right to literature; Jauss (1979), concerning reception aesthetics; Zilberman (1989) with reception aesthetics and the history of literature; Solé (1998), regarding reading strategies; and Stock (2010), Mourão (2011), and Sutton-Spence (2021), highlighting the importance of deaf literature. The methodology consisted of bibliographic research on materials that addressed deaf literature, its importance, and applicability in the classroom; as well as suggestions for practical and playful activities based on the fable "The Deaf Grasshopper and the Ants." In this way, inclusion can be a topic for discussion and reflection in classes, enabling students to understand and respect deaf culture.

Keywords: Deaf literature; Reading; Inclusion.

Introdução

Este artigo resulta de uma atividade da disciplina Educação e Sociedade, ministrada no 4º ano do curso de Letras Português da Universidade Estadual do Centro-Oeste, que abordou a formação de professores numa perspectiva inclusiva. Considerando as vivências no estágio supervisionado e as dificuldades relatadas pelos acadêmicos durante a observação em salas com alunos surdos – decorrentes da escassa familiaridade com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da inexistência de material pedagógico específico – o presente estudo propõe a elaboração de um plano de aula fundamentado na literatura surda como instrumento de transformação social.

A proposta pedagógica apresentada neste artigo fundamenta-se, portanto, na premissa de que a literatura, em especial a literatura surda, pode funcionar como instrumento de contestação e transformação social. Inclusive a utilização de fábulas adaptadas para o ensino de alunos surdos não apenas potencializa a compreensão leitora, mas também promove a valorização das identidades e culturas dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento integral e a cidadania crítica.

Como a disposição de materiais é escassa, tecemos esse artigo a fim de auxiliar os docentes nas suas práticas pedagógicas, dessa forma, elencamos algumas sugestões de atividades para o trabalho com os discentes, explorando as características do gênero fábula de forma a refletir sobre valores morais e sociais nelas presentes e sensibilizar os alunos para a importância da inclusão, oportunizando o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação.

Como aporte teórico, selecionamos Bleicher (1992), dialogando sobre a hermenêutica; a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apontando sobre a obrigatoriedade da inclusão escolar; a Lei 10.436 e o Decreto 5.626, que regulamenta a Lei Brasileira de Sinais; Antônio Cândido (1995), sobre o direito fundamental à literatura; Jauss (1979), com a estética da recepção; Mourão (2011), enfatizando sobre a literatura surda; Solé (1998), com as estratégias de leitura; Stock (2010), trazendo a importância da literatura surda para a criança surda; Zapater *et. al.* (2004), dialogando sobre a educação e Zilberman (1989) com a estética da recepção e história da literatura. A metodologia consistiu na pesquisa

bibliográfica em materiais que dialogassem sobre a literatura surda, a sua importância e aplicabilidade em sala de aula; sugestões de algumas atividades práticas e lúdicas a partir da fábula *A cigarra surda e as formigas*.

1. Ensino, literatura e inclusão

1.1 O ensino e a formação do leitor

A formação de sujeitos críticos e conscientes, aptos a participar efetivamente da sociedade, exige a ampliação dos horizontes do ensino tradicional. Para tanto, é imperativo promover um ambiente escolar que não apenas respeite, mas valorize as diversas culturas e experiências presentes na comunidade. Nesse contexto, a escola desempenha um papel crucial na formação de leitores que vão além da mera repetição de conteúdo. Ao estimular a construção de significados e o diálogo com o conteúdo, a instituição educacional contribui para o desenvolvimento de uma interpretação autônoma dos textos, conforme destacado por Solé (1998, p. 17).

Assim, observa-se que, objetivamente, a escola desempenha um papel crucial na formação de um leitor que não seja meramente obediente e passivo, limitando-se a preencher fichas, resumir livros ou reproduzir trechos de materiais escritos. Em vez disso, a escola deve promover a formação de um leitor provocado e estimulado pelos textos que lê, capaz de construir significados, dialogar com o conteúdo e o contexto, utilizando sua bagagem de leituras prévias. Conforme destaca Solé (1998, p.17), é a escola que deve “fomentar nos alunos o uso de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos”, visto que

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações,

estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos (Brasil, 2018, p. 63).

Nesse contexto, é fundamental que o professor de Língua Portuguesa proporcione aos estudantes experiências "que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens" (Brasil, 2018, p. 67-68). Diversas são as habilidades propostas pela BNCC a serem desenvolvidas pelos alunos, as quais precisam estar presentes na elaboração das atividades propostas pelo professor.

Além desses descritores, estratégias de leitura devem ser adotadas pelo professor na organização das atividades para o ensino do ato de ler, uma vez que "a aprendizagem da leitura requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. O aprendiz leitor precisa da informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor ou pelo especialista na matéria em questão" (Solé, 1998, p. 18). O desenvolvimento dos leitores ocorre, então, quando o docente, em sua posição de mediador, oferece aos alunos a oportunidade de escolher textos que se alinhem aos seus interesses pessoais e necessidades de leitura.

1.1.2 Estratégias de leitura

As estratégias de leitura consistem em procedimentos de alta complexidade que envolvem tanto aspectos cognitivos quanto metacognitivos. No contexto educacional, elas não devem ser vistas como técnicas exatas, fórmulas infalíveis ou habilidades isoladas. O que distingue uma mentalidade estratégica é a capacidade de identificar e analisar problemas, bem como a flexibilidade para desenvolver soluções. Portanto, ao ensinar estratégias de compreensão leitora, é essencial que os alunos sejam incentivados a construir e aplicar procedimentos gerais, que possam ser facilmente transferidos para diversas situações de leitura, variando de um texto a outro (Solé, 1998).

1.1.2.1 Proposta de Solé (1998)

A abordagem de Solé (1998) enfatiza que o processo de leitura deve ser pensado de forma dinâmica e estruturada, contemplando a atuação do professor em três etapas essenciais: antes, durante e depois da leitura. Essa perspectiva teórica visa a promover uma compreensão aprofundada do texto, ao mesmo tempo em que contribui para a autonomia e o desenvolvimento crítico dos alunos.

Na etapa anterior à leitura, as estratégias de preparação envolvem a ativação dos conhecimentos prévios dos estudantes e a definição de objetivos para a leitura. Segundo Solé (1998), o trabalho pré-leitura pode incluir atividades como a exploração do título, análise de imagens, discussão de hipóteses sobre o conteúdo e a formulação de perguntas iniciais. Essas práticas permitem ao aluno estabelecer uma base cognitiva que facilitará a compreensão do texto e o ajudará a fazer conexões com suas experiências anteriores, além de orientar seu foco para aspectos relevantes do material a ser lido.

Durante a leitura, Solé (1998) destaca a importância da monitoração contínua da compreensão. Nessa fase, o leitor é incentivado a empregar estratégias que possibilitem a identificação de dúvidas e a realização de inferências a partir do conteúdo textual. Táticas como a anotação de postos-chave, o sublinhado de trechos significativos, a reorganização de ideias e a pausa para questionamentos contribuem para que o processo se torne mais ativo e reflexivo. Dessa forma, o leitor pode ajustar sua compreensão em tempo real, evitando mal-entendidos e consolidando o sentido do que está sendo lido.

A etapa pós-leitura, conforme proposta por Solé (1998), visa consolidar, aprofundar e ampliar a compreensão do texto. Nessa fase, é recomendado que o professor proponha atividades de síntese e reflexão, tais como resumos, debates e reescrita crítica do que foi lido. As estratégias pós-leitura também podem incluir a comparação de interpretações e a verificação das hipóteses inicialmente formuladas, permitindo que o aluno confronte suas impressões com as informações efetivamente presentes no texto. Essa prática não só reforça a assimilação

do conteúdo, mas também desenvolve a capacidade crítica e analítica do estudante.

Ao integrar essas três etapas – pré-leitura, leitura e pós-leitura – o professor cria um ambiente de aprendizagem que valoriza a interação ativa com o texto. Essa estrutura metodológica propicia não apenas a compreensão literal, mas também a interpretação crítica e a aplicação dos conhecimentos adquiridos. A abordagem de Solé (1998) demonstra, assim, que a leitura é um processo complexo e multifacetado, que requer a implementação de estratégias diversificadas para atender às necessidades cognitivas e emocionais dos alunos.

1.1.2.2 Proposta de Zilberman (1989)

O método hermenêutico de Zilberman (1989) fundamenta-se na ideia de que a leitura literária é um processo de construção de sentido que se desdobra em diferentes dimensões, permitindo uma aproximação crítica e reflexiva ao objeto textual. Essa abordagem propõe que o contato com a obra se estabeleça por meio de três fases inter-relacionadas: a compreensão, a interpretação e a aplicação.

Na fase da compreensão, o leitor realiza o primeiro contato com o texto, estabelecendo um diálogo inicial que capta impressões, emoções e hipóteses sobre os significados emergentes. Essa etapa prepara o terreno para uma análise mais profunda, na qual o conteúdo literal e as nuances implícitas são identificados sem pressa, permitindo que elementos contextuais e culturais se revelem. Jauss (1979) enfatiza essa fase como sendo rica em potencialidades, pois é nesse contato quase que imediato que o efeito estético funciona como catalisador de uma recepção mais profunda. Zilberman (1989) complementa essa visão ao destacar que o ato de compreender está diretamente ligado à abertura para novas leituras e reinterpretações. Esse primeiro estágio estabelece a base para que qualquer análise subsequente seja realizada de forma crítica e engajada.

Posteriormente, na fase de interpretação, o leitor procede à análise crítica dos significados, revisitando e confrontando as impressões iniciais com o arcabouço teórico e as experiências pessoais adquiridas. Esse

momento não se trata de uma simples decodificação do texto, mas de uma ação dialógica e dinâmica que permite a construção de múltiplas camadas de sentido. O leitor não apenas absorve o conteúdo, mas revisita conceitos e estruturas estabelecidos em diversos contextos históricos, permitindo uma reinvenção do significado. Esse movimento interpretativo é dinâmico e configura-se como um exercício que estimula a subjetividade do leitor, tornando-o partícipe ativo na repercussão dos conteúdos e na reconfiguração dos valores e conceitos presentes na obra. Por meio dessa prática, o texto passa a ser percebido como um instrumento de reflexão que transcende a mera forma escrita.

Por fim, a fase de aplicação visa resgatar e incorporar os significados construídos no debate interpretativo ao contexto crítico e social em que o leitor está inserido. Ao conectar a obra a realidades históricas, culturais e sociais, o método hermenêutico promove uma reflexão que vai além do texto, enfatizando seu papel transformador. Essa articulação permite que os sentidos elaborados durante a leitura sejam empregados para sustentar debates, propor novas práticas pedagógicas e incentivar a formação de leitores críticos e conscientes. Em suma, o método hermenêutico se apresenta como uma ferramenta indispensável para desvelar a complexidade dos textos literários, promovendo uma interação contínua entre o leitor, a obra e o contexto social, o que é fundamental para a construção ativa do conhecimento e para a prática educacional inclusiva.

A interação entre as três fases, compreensão, interpretação e aplicação, revela um movimento contínuo e dialógico, no qual o leitor se torna parte ativa na construção dos sentidos e na perpetuação do valor da obra literária. Como assevera Jauss (1979, p. 43-61), o processo hermenêutico não encerra a leitura em um ponto fixo, mas funciona como um ciclo que se renova a cada nova experiência de encontro com o texto, demonstrando a sua vitalidade e capacidade de adaptação frente às transformações culturais. Zilberman (1989) e Bleicher (1992) enfatizam que esse método é intrinsecamente aberto, permitindo que cada leitura revele novas camadas de significado.

1.2 Literatura

Diante das orientações presentes na BNCC, o processo de ensino e aprendizagem inspira conhecimento de como trabalhar com as práticas de linguagem, oralidade, escrita, leitura, análise linguística e literatura. Neste artigo, a leitura recebe maior atenção por ser uma prática que contribui para a formação integral dos estudantes, indo além da simples decodificação das palavras. Agregada a essa informação está a literatura como um meio de refletir valores, crenças e experiências culturais, desempenhando um papel crucial na constituição da identidade dos alunos (Brasil, 2018).

No que diz respeito às práticas de linguagem, a BNCC ressalta a necessidade de desenvolver atividades de leitura que promovam a autonomia dos estudantes, permitindo-lhes selecionar, analisar e utilizar informações de forma crítica. Além disso, o documento defende a importância de estabelecer relações intertextuais, incentivando os alunos a conectar diferentes gêneros e suportes textuais, bem como fomentar a diversidade cultural, de modo que a literatura aborde temas que ressoem com variadas experiências sociais e históricas.

A literatura ocupa posto central nesse processo, uma vez que possibilita a construção de significados e valores que promovem a cidadania. Para Candido (1995, p. 175), a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”, pois “assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. (Candido, 1995, p. 175)

Dessa maneira, a literatura tem grande importância na influência que exerce sobre os âmbitos sociais. Cada sociedade desenvolve expressões ficcionais, dramáticas e poéticas que refletem suas crenças, sentimentos e normas, com o viés de fortalecer a presença e influência desses pontos em cada indivíduo. É por este motivo, que a literatura é importante instrumento de educação e instrução na contemporaneidade, sendo incorporada nos currículos e recomendada como um elemento fundamental para o desenvolvimento intelectual de cada pessoa.

A literatura não deve ser vista apenas como um componente disposto em uma grade de disciplinas. Compreendemos a literatura como um olhar para o outro, de maneira que nos leva a repensar sobre inúmeros âmbitos sociais, políticos e econômicos. Assim, a literatura é considerada importante para a propagação da arte, além de nos possibilitar fazer discussões sobre a vida, sobre o outro, despertando o pensamento crítico nos seus leitores.

1.2.1 Literatura surda e inclusão

A literatura, ao ser abordada de forma crítica e interdisciplinar na sala de aula, configura-se como um instrumento poderoso para a promoção da inclusão e da transformação social, já que “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 1995, p. 180).

Por meio do contato com narrativas que abordam diversos aspectos da realidade humana, os leitores são convidados a construir significados complexos que dialogam com suas experiências individuais e coletivas, favorecendo a reflexão sobre temas relacionados à diversidade, à equidade e à acessibilidade (Brasil, 2018).

Nesse contexto, a literatura rompe com discursos homogêneos e estimula a emergência de vozes historicamente marginalizadas. Ao apresentar obras que retratam experiências plurais, promove-se a conscientização e o empoderamento, conferindo legitimidade a diferentes modos de ser e de interpretar o mundo (Candido, 1995). Os textos literários, assim, atuam como meio de difusão de valores de tolerância e respeito, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Ademais, a prática da leitura literária, quando realizada de maneira autônoma e reflexiva, permite a internalização de saberes e o desenvolvimento de uma postura crítica diante da realidade. Essa experiência não se limita à simples absorção de informações, mas oferta ao leitor a oportunidade de reconstituir e ressignificar seus próprios conhecimentos, promovendo uma relação dinâmica entre a obra e o seu

contexto sócio-histórico (Solé, 1998). Dessa forma, a literatura transcende sua função estética e se consolida como um veículo essencial para a promoção de práticas inclusivas, capazes de transformar tanto o indivíduo quanto o ambiente social (Sutton-Spence, 2021).

A literatura é apresentada como instrumento indispensável à construção dos significados e valores que promovem a cidadania. Sendo vista, conforme Cândido (1995), como elemento fundamental para a humanização, ela atua tanto no subconsciente quanto no inconsciente dos indivíduos e, por conseguinte, não deve ser reduzida a um simples componente curricular, mas reconhecida como um meio de olhar para o outro, promovendo a reflexão sobre questões sociais, políticas e econômicas.

Para que isso aconteça, práticas de leitura e literatura precisam ser frequentes nas aulas. O ensino da literatura deve ser uma ferramenta para explorar a diversidade cultural. Isso envolve a escolha de obras que representem uma variedade de vozes e experiências, permitindo que os alunos se vejam refletidos nas histórias que leem. A leitura, portanto, torna-se uma prática que fomenta a inclusão e a compreensão mútua.

Por isso, o professor possui o papel primordial de incentivar a literatura surda, promovendo, dessa maneira, a inclusão e a interação entre os alunos surdos e os ouvintes. Essa prática proporciona um ambiente escolar acolhedor, de união e de quebra de estereótipos e preconceitos. Para que assim, os alunos consigam adquirir os conhecimentos e se verem representados, uma vez que “a literatura reflete as condições sociais e históricas da sociedade em que é produzida, mas não a reproduz mecanicamente. Ela seleciona e interpreta a realidade, ampliando os significados e criando novas formas de compreensão” (Cândido, 1995, p. 63).

Para as crianças ouvintes, a literatura infantil proporciona encantamento e aprendizado; para os alunos surdos, a disponibilização de histórias adaptadas em Língua Brasileira de Sinais (Libras), um processo iniciado de forma mais consistente a partir do ano 2000, é fundamental para a construção de sua identidade e autonomia. Estudos indicam que a representatividade proporcionada por materiais inclusivos contribui para que os alunos surdos se sintam parte da sociedade, fomentando sua imaginação, criatividade e capacidade de produção textual (Mourão, 2011).

Acredita-se que a Literatura Surda tenha sido descoberta a partir do ano de 2000, encontrando materiais, embora escassos, conforme a pesquisa da autora Lodenir Karnopp (2010) e Karnopp e Machado (2006), há alguns livros clássicos infantis que foram adaptados para a Libras, Escrita de Sinais e português, com roteiros, histórias e personagens surdas com a sua cultura. Usando o recurso como o desenho do sinal com o objetivo de ampliar o vocabulário da criança surda, fazendo com que ela construa a sua identidade e sua subjetividade como sujeito surdo (Stock, 2010, p. 2).

Portanto, a luta pelo reconhecimento de suas identidades, acesso à cultura e, principalmente, a literatura é árdua. Os surdos possuem algumas conquistas, como a lei que oficializa a comunicação e expressão de Língua Brasileira de Sinais, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, modificada pelo decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 e a inclusão da Libras como disciplina curricular nos cursos de formação de professores, devendo ser ofertada aos alunos surdos como primeira língua, desde a educação infantil, tendo dessa maneira a língua portuguesa como segunda língua.

Quanto à literatura em línguas de sinais, Sutton-Spence (2021) aponta que só se consolidou a partir do advento do vídeo, pois este meio ampliou as possibilidades de captar nuances, como sinais, expressões faciais e entonações, que, na efemeridade do ao vivo, poderiam passar despercebidas. Para o estudo de vídeos de literatura em Libras, Sutton-Spence (2021) enfatiza um passo a passo que convida o observador a assistir, anotar e reavaliar o vídeo em diferentes velocidades, revelando aspectos do texto que se tornam visíveis apenas mediante a repetição e a fruição crítica. Essa prática cria um espaço de convergência na metodologia, onde a repetição aprimora a compreensão e gera novos *insights*, mas também aponta para uma lacuna: a experiência do ao vivo, que raramente pode ser replicada totalmente pelo registro, devido à sua natureza única e irrepetível.

Além dos vídeos, há “histórias infantis que fazem parte do folclore da sociedade ouvinte, que são adaptadas como parte do processo de tradução com o objetivo de incluir personagens surdos e a Libras” (Sutton-Spence, 2021, p. 86). A autora ainda afirma que no passado, a intervenção em textos tradicionais era vista com reservas, mas, no século

XXI, as traduções passaram a incorporar adaptações que enfatizam elementos relevantes à identidade surda, como a criação da Rapunzel Surda e da Cinderela Surda, bem como a versão dos Três Porquinhos, na qual características próprias da Libras, como a dinâmica visual dos sinais, são ressaltadas.

Essas e outras obras reforçam o fato de a literatura servir para aculturar, “assim, a literatura surda serve para estimular habilidades sociais. Para alunos surdos, a contação de histórias e de poemas em Libras pode até contribuir para a criação e manutenção de suas identidades como pessoas surdas brasileiras” (Sutton-Spence, 2021, p. 240). E para os alunos ouvintes, serve para ampliar o conceito de literatura e comparar as obras em português com as de Libras, reconhecendo que a literatura se revela nas mais diversas esferas da vida social, sendo utilizada tanto como “instrumento poderoso de instrução e educação”, integrando currículos e servindo de apoio intelectual e afetivo, quanto como meio de contestação e crítica. Ao confirmar e negar, apoiar e denunciar, a literatura permite que os indivíduos vivenciem de forma dialética os problemas e desafios inerentes à existência, tornando indispensável tanto a literatura oficial quanto a que surge dos movimentos de ruptura em relação ao estado de coisas predominante (Candido, 1995, p. 175).

A apresentação da cultura surda e de suas práticas artísticas revela dimensões pouco conhecidas por grande parte da sociedade, que, por adesão a uma concepção tradicional de literatura, tende a negligenciar a riqueza da produção surda. Essa concepção tradicional define literatura como “uma arte estética da linguagem escrita que se centra no texto escrito, com foco nas atividades de ler e escrever”. Essa definição, todavia, é muito limitada e exclui já muitos exemplos de uso da língua estética, mesmo em português, porque estão na forma falada. A literatura dos surdos criada em Libras é raramente escrita, mas é uma forma de literatura (Sutton-Spence, 2021, p. 25), é “a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente” (Karnopp, 2010, p. 161).

Sutton-Spence (2021) defende que, embora possa parecer estranho instruir alunos ouvintes sobre a literatura em Libras, o reconhecimento de

sua beleza e valor contribui para enriquecer a aprendizagem desses alunos e reforçar a importância da literatura em Libras, ou seja, “quando um público não surdo entende o valor e a beleza da literatura, ele fortalece a sua aprendizagem e o próprio status da literatura” (Sutton-Spence, 2021, p. 242).

Nesse processo, cabe ao professor informar os alunos que a literatura surda traz histórias de comunidades surdas, os processos sociais e as práticas discursivas relacionadas que circularam em diferentes lugares e em diferentes tempos. O envolvimento que as comunidades surdas compartilham, não é somente interno à comunidade, mas também externo, com comunidades ouvintes, através da participação tanto de sujeitos ouvintes quanto de sujeitos surdos (Mourão, 2011, p. 50).

Os sujeitos surdos também reconhecem modelos e valores históricos através de várias gerações de surdos, com artistas plásticos ou outros profissionais. Eles têm narrativas surdas como piadas e anedotas, conhecimentos de fábulas ou conto de fadas através da família, até adaptações em vários gêneros como romance, lendas e outras manifestações culturais, que se constituem a partir do conjunto de valores e ricas heranças culturais e linguísticas (Mourão, 2011, p. 50).

1.2.2 A cultura surda e os artefatos culturais

A cultura, segundo Strobel (2023), pode ser entendida como o conjunto de práticas, crenças, valores, modos de ser e de perceber o mundo que caracterizam um grupo social. No contexto da comunidade surda, essa definição amplia-se para incluir elementos visuais e linguísticos próprios, revelando uma identidade coletiva construída a partir de uma experiência única que valoriza a expressão visual e a língua de sinais. Assim, a cultura surda não se limita a um patrimônio imaterial, mas se manifesta por meio de práticas cotidianas, interações sociais e artefatos culturais que corroboram uma forma distinta de viver e interpretar a realidade.

O uso da palavra artefato, nesse contexto, “não se refere apenas a materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do

sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo. Traço comum em todos os sujeitos humanos seria o fato de que somos todos artefatos culturais e, assim, os artefatos ilustram uma cultura” (Strobel, 2023, p. 29).

O conjunto de artefatos culturais produzidos pelo povo surdo são muitos, dos quais apresentamos os mais relevantes para o momento. O primeiro deles é a experiência visual, que expõe a maneira única dos surdos de perceber e interpretar o ambiente ao seu redor. Essa aptidão enfatiza a importância dos estímulos visuais na comunicação e na construção estética, sendo o alicerce para outras manifestações culturais.

Outro artefato fundamental é representado pelas artes visuais, que materializam as emoções, histórias e subjetividades da comunidade. As criações artísticas surdas traduzem, de forma sensível e simbólica, a vivência compartilhada e reforçam a riqueza cultural por meio de obras que dialogam com um patrimônio estético próprio e autêntico.

Além disso, os materiais como registros, objetos, e documentos desempenham um papel central ao tangibilizar a trajetória histórica e a memória coletiva dos surdos. Esses elementos contribuem para a preservação e divulgação das lutas e conquistas do povo surdo, funcionando como evidências palpáveis de seu legado cultural. Nesse mesmo contexto, a representação imaginária permite a construção de mundos e narrativas exclusivas, oferecendo uma janela para a forma como os surdos reinventam e reinterpretam suas experiências.

A história cultural constitui outro artefato essencial, oferecendo uma compreensão aprofundada das raízes e transformações que marcam a trajetória dos surdos. Esse componente dialoga com a identidade coletiva, que consolida o sentimento de pertencimento e a coesão do grupo, além de encontrar expressão por meio da expressividade performática, manifestações artísticas que traduzem, por meio do movimento e da performance, a rica experiência vivida pela comunidade surda.

O desenvolvimento linguístico, evidenciado pela evolução e uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), e a memória histórica se configuram como artefatos complementares. Enquanto a Libras assegura a comunicação interna e a produção simbólica, a memória histórica mantém viva a reflexão sobre o passado, possibilitando o contínuo resgate e

valorização dos saberes e práticas que fundamentam a identidade da cultura surda.

Por fim, A literatura surda se configura como um artefato cultural fundamental, pois traduz a memória das vivências surdas ao longo das gerações. Conforme destacado Strobel (2023), essa forma de expressão se multiplica em diferentes gêneros e utiliza a língua de sinais para revelar a identidade, a cultura e a história do povo surdo. Com o passar do tempo, surgiu a necessidade de registrar essas experiências, permitindo que a literatura surda não só preserve a memória coletiva como também ofereça novos elementos para a reflexão sobre a identidade surda, tornando-se um instrumento para a construção e a manutenção de uma cultura rica e multifacetada.

Além disso, o registro literário feito por meio de textos, vídeos e outras mídias contribui para a aproximação e o diálogo entre a comunidade surda e a sociedade ouvinte. Ao apresentar narrativas que enfatizam a questão identitária e a representatividade, a literatura surda evidencia as experiências estéticas e performáticas que caracterizam essa cultura. Essa manifestação artística não se restringe à mera documentação, mas atua como um meio de transformação e afirmação dos valores dos surdos, convidando leitores e espectadores a uma compreensão mais profunda e inclusiva sobre o universo cultural surdo.

2. Elaborando uma proposta de leitura literária

São muitos os discursos que nos chegam e são muitas as necessidades de lidar com eles no mundo do trabalho e fora dele, não só para o desempenho profissional, como também para saber fazer escolhas éticas entre discursos em competição e saber lidar com as incertezas e diferenças características de nossas sociedades atuais. Ensinar a usar e a entender como a linguagem funciona no mundo atual é tarefa crucial da escola na construção da cidadania (Moita Lopes; Rojo, 2004, p. 46).

Diariamente estamos sendo bombardeados de informações, notícias pelas mídias e, como consequência, as pessoas têm se manifestado

nem sempre de forma crítica e ética. Para que haja uma participação reflexiva, a BNCC (Brasil, 2018) sugere ser

Necessário que a escola dialogue com a diversidade de formação e vivências para enfrentar com sucesso os desafios de seus propósitos educativos. A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa (Brasil, 2018 p. 62.)

O diálogo proposto por esse documento ocorre a partir da exploração dos diversos gêneros textuais referentes aos “campos das práticas artístico-literárias, de estudo e pesquisa, jornalístico-midiático, de atuação na vida pública e campo da vida pessoal, cidadãs, investigativas” (Brasil, 2018, p 136).

Para a elaboração da proposta de atividades de leitura literária, escolhemos o campo artístico-literário, cujo objetivo é proporcionar o contato e a apreciação das diversas manifestações artísticas, com ênfase na arte literária, promovendo o reconhecimento, a valorização e a fruição dessas expressões. Para que a literatura exerça sua dimensão humanizadora e transformadora, é essencial formar leitores capazes de se engajar profundamente com os textos, decifrando suas múltiplas camadas de sentido e firmando compromissos de leitura.

Para isso, a formação literária deve contemplar o conhecimento dos gêneros narrativos e poéticos, incluindo a compreensão de elementos como espaço, tempo e personagens, as escolhas estilísticas e os diferentes modos de narração, além da polifonia própria das narrativas. Esses conhecimentos são fundamentais para que o leitor possa desenvolver a sensibilidade estética e aninhar progressivamente habilidades que enriquecem sua experiência de leitura e escrita, acompanhando o crescimento e a complexidade dos textos ao longo da escolaridade (Brasil, 2018).

2.1 A cigarra surda e as formigas: revendo o gênero textual fábula

Ao objetivar desenvolver essas habilidades apontadas pela BNCC (Brasil, 2018), escolhemos explorar o gênero textual fábula, caracterizado por apresentar narrativas curtas, muitas vezes protagonizadas por animais ou objetos personificados, e que tem como principal objetivo transmitir uma lição de moral ou ensinamento. Geralmente, as fábulas são escritas em prosa, mas podem também ser apresentadas em forma de versos. O gênero explora características humanas atribuídas a animais ou objetos, proporcionando uma oportunidade para abordar questões de inclusão e diversidade.

Ao representar diferentes personagens, essas histórias podem transmitir mensagens sobre a importância da aceitação das diferenças e da convivência harmoniosa entre diferentes indivíduos. São suas principais características:

- Enredo simples, com poucos personagens, o que facilita a compreensão e a transmissão da moral.
- Animais ou objetos são frequentemente personificados, assumindo características humanas, o que facilita a identificação do leitor com as situações apresentadas.
- Transmissão de uma lição moral. Os eventos na história são elaborados de forma a enfatizar a moral da história.

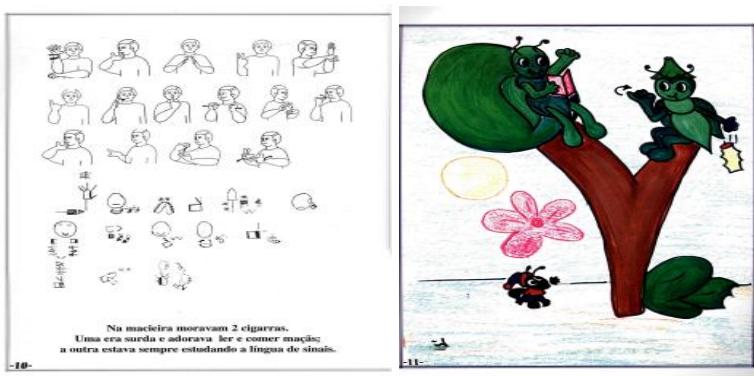
A leitura deste gênero envolve não apenas a compreensão literal dos eventos narrados, mas também a capacidade de identificar a moral ou lição ensinada. Isso estimula a reflexão e a interpretação crítica por parte do leitor. A análise dos elementos simbólicos, como a escolha dos animais e suas características, também pode enriquecer a interpretação. No contexto da literatura surda, trabalhar textos em que eles possam se identificar implica em criar ambientes educacionais que valorizem suas vivências e, por consequência, favoreçam a leitura autônoma dos textos em língua de sinais.

Dentre as diversas fábulas, elegemos *A cigarra surda e as formigas*, escrita por Carmem Oliveira e Jaqueline Boldo (2002), respectivamente uma ouvinte e a outra surda. O enredo dessa fábula aborda a importância

da amizade entre surdos e ouvintes, concluindo com um apelo pela valorização das diferenças. Segundo as autoras, o livro foi concebido a partir de atividades realizadas em sala de aula, incluindo uma apresentação teatral em Libras por crianças surdas, a produção do texto em *signwriting* (escrita de sinais) e na língua portuguesa, bem como ilustrações feitas por um dos alunos que participou do processo.

Pensado de forma artesanal, a obra oferece três formas de leitura nas páginas pares, a saber: através do texto em português, do desenho do sinal e da escrita do sinal (SW). Nas páginas ímpares, há ilustrações que complementam o desenvolvimento e interpretação da história, como mostram a ilustração abaixo.

Figura 01: Imagem retirada do livro *A cigarra surda e as formigas*.



Fonte: Oliviera e Boldo (2002).

2.2 Proposta de atividades de leitura literária

Após toda a reflexão feita até aqui, apresentamos uma sugestão de práticas pedagógicas que possam levar o aluno a

Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões manifestados, para negociar e sustentar posições, formular propostas, e intervir e tomar decisões democraticamente sustentadas, que levem em conta o bem comum e os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global (Brasil, 2018, 485).

Conteúdo: Gênero textual fábula

Turma: Ensino Fundamental (Anos iniciais e finais) e Ensino Médio.

Objetivo geral:

- Compreender as características do gênero fábula e suas temáticas.

Objetivos específicos:

- Refletir sobre valores morais e sociais presentes nas fábulas.
- Relacionar o texto literário com os aspectos histórico, social e cultural.
- Discutir sobre a importância da inclusão.

As atividades de leitura estão organizadas de forma a promover a compreensão aprofundada do texto, o desenvolvimento da autonomia e o estímulo ao pensamento crítico dos alunos. A estratégia adotada visa estruturar o processo de ensino da leitura em etapas sequenciais e articuladas, permitindo a criação de procedimentos gerais passíveis de aplicação em diversas situações e gêneros textuais.

Inicialmente, o professor deve promover a ativação dos conhecimentos prévios dos estudantes e a definição clara dos objetivos da leitura, preparando o ambiente para uma imersão eficiente no conteúdo proposto – pré-leitura (Solé, 1998). Em seguida, durante o processo de leitura, recomenda-se a utilização de táticas que estimulem o monitoramento contínuo da compreensão, como a identificação e anotação de pontos-chave, o uso do sublinhado de trechos significativos, a reorganização de ideias e a formulação de questionamentos que permitam ao leitor ajustar sua compreensão em tempo real.

1º Momento:

Pré-leitura

Antes da leitura, o professor atua na ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, estimulando-os a fazer conexões entre suas experiências pessoais e o conteúdo que será explorado. Essa fase pré-leitura pode incluir atividades como:

- Exploração do título e análise de imagens, que despertam a curiosidade e contextualizam o tema;
- Discussão de hipóteses e formulação de perguntas iniciais, promovendo um enquadramento conceitual que orienta o foco para elementos essenciais do texto.

Essas práticas preparam a base cognitiva dos estudantes, facilitando a

compreensão e estabelecendo ligações diretas entre o que já sabem e o novo material.

Compreensão

a) Apresentação da obra *A Cigarra Surda e as Formigas*.

Ativação dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre:

- O gênero textual fábula,
- O título;
- Discussão de hipóteses sobre o conteúdo e a formulação de perguntas iniciais;
- Análise de imagens.

Espera-se que os alunos ouvintes estabeleçam relação com a fábula da cultura ouvinte *A cigarra e a formiga*.

b) Definição de objetivos para a leitura:

- Leitura coletiva da fábula: projetar a fábula por um datashow para facilitar a leitura para todos os alunos, pois o livro contempla a Libras e a Língua Portuguesa.

c) Apresentar as características da fábula:

- Narrativas curtas:

- Na maioria das vezes os personagens são animais ou objetos personificados;
- Têm como principal objetivo transmitir uma lição de moral ou ensinamento.

2º Momento:

Durante a leitura

Essa etapa é concebida para que o leitor atue de maneira participativa, utilizando os conhecimentos ativados anteriormente para validar ou revisar suas hipóteses iniciais.

Durante a leitura, os alunos são incentivados a monitorar continuamente sua compreensão. Nessa fase, adota-se um conjunto de estratégias interligadas:

- A anotação de pontos-chave e o sublinhado de trechos significativos permitem a identificação de dúvidas e a identificação de conceitos relevantes;
- A reorganização das ideias e pausas para questionamentos garantem a síntese do entendimento em tempo real, ajustando a interpretação conforme a leitura avança.

Interpretação

a) Perguntas diversas para:

- Verificar o entendimento dos alunos referente ao tema, ao enredo e à moral da fábula;
- Relacionar as características dos animais personagens da fábula com às das pessoas (ficção e realidade), escrever no quadro as duas personagens e elencar as características de cada uma, à medida em que os alunos forem respondendo;
- Atribuir sentidos às informações presentes na fábula – inclusão e o uso inadequado de palavras com sentido discriminatório como coitada, desprezar;
- Ressaltar a importância da língua para a comunicação e a socialização;
- Refletir sobre a diversidade, de forma a levar os alunos a compreenderem que cada grupo da sociedade, assim como as espécies de animais, possui suas características que as constituem como o ser que é, não sendo adequado alguém querer alterá-las.

Durante esses questionamentos, com a ajuda de um intérprete, os alunos surdos serão instigados a participarem da discussão.

Para finalizar a reflexão, faz-se necessário explicar sobre literatura e cultura, para informar os alunos sobre a cultura surda e os artefatos culturais produzidos pela comunidade surda.

3º Momento:

Pós-leitura

Nessa etapa, o objetivo é consolidar, aprofundar e ampliar a compreensão do texto. Aqui, o professor propõe atividades de síntese como resumos, debates e reescrita crítica, que dialogam diretamente tanto com as hipóteses formuladas na pré-leitura quanto com os pontos-chave identificados durante a leitura. Adicionalmente, a comparação de interpretações entre os alunos e a verificação das hipóteses inicialmente apresentadas permitem que o grupo confronte e refine suas impressões, integrando e sistematizando o aprendizado de forma coesa.

Aplicação

a) Produção de releitura de fábulas:

- Dividir os alunos em grupos;
- Comentar que a fábula lida é uma releitura, com o objetivo de representar a identidade do surdo;
- Devem ter o tempo estipulado para trabalhar na criação;
- Retomar, de forma breve, a fábula lida e explicitar os objetivos da releitura;

- Expor os critérios de avaliação, incentivando a criatividade, a interpretação dos elementos centrais das fábulas originais e a participação de todos os alunos.
 - Informar sobre a possibilidade de utilizarem recursos visuais, dramatizações, ou outras formas de expressão artística para apresentar suas versões das fábulas.
- b) Apresentação das fábulas: Cada grupo terá a oportunidade de compartilhar com a turma a sua interpretação e releitura da fábula selecionada. A ordem de apresentação pode ser decidida pelos próprios alunos ou por meio de sorteio, visando uma dinâmica equitativa. É de suma importância que todos os integrantes do grupo participem ativamente desta atividade, uma vez que ela possui um caráter avaliativo. Cada grupo deve apresentar não apenas as modificações realizadas na fábula original, mas também as razões por trás de suas escolhas criativas, proporcionando uma compreensão mais abrangente do processo de releitura.
- c) Roda de conversa e reflexão: Esse momento consiste na organização da sala em formato de círculo, facilitando a discussão entre os alunos surdos e ouvintes sobre as diferentes abordagens de inclusão presentes nas fábulas produzidas e apresentadas. Durante a roda de conversa, será fomentada uma reflexão profunda acerca da importância da inclusão na sociedade contemporânea. Os alunos serão instigados a compartilhar suas percepções, *insights* e análises críticas sobre como a inclusão foi abordada nas releituras. Este processo promoverá uma compreensão mais ampla dos conceitos de inclusão e sua relevância no contexto social, estimulando um diálogo enriquecedor entre os participantes da aula.
- A prática autônoma e reflexiva da leitura literária promove uma internalização de saberes que ultrapassa a mera absorção de informações, proporcionando ao leitor a oportunidade de reconfigurar seus conhecimentos à luz de seu contexto sócio-histórico (Solé, 1998). Dessa forma, a literatura, além de fomentar a formação crítica, exerce um papel transformador que impacta tanto o desenvolvimento individual quanto a construção de valores sociais. Segundo Cândido (1995), ela não deve ser encarada apenas como um componente curricular, mas como um meio vital de estimular o olhar crítico e promover o diálogo sobre questões sociais, políticas e econômicas, contribuindo assim para a consolidação de práticas inclusivas e o fortalecimento da cidadania.
- Ao conectar de forma sistemática as três etapas – pré-leitura, leitura e

pós-leitura (Solé, 1998) e compreensão, interpretação e aplicação (Zilberman, 1989) – o professor estrutura um processo de aprendizagem contínuo e articulado. Essa abordagem garante não apenas a assimilação do conteúdo literal, mas também o desenvolvimento de uma interpretação crítica, pois cada fase alimenta a seguinte: o preparo cognitivo inicial orienta a leitura ativa, que, por sua vez, é reafirmada e aprofundada através de atividades reflexivas finais.

2.3 Análise da proposta pedagógica

As aulas seguem o planejamento expositivo-dialogado, combinando elementos da exposição tradicional com a interação e participação dos alunos. O professor compartilha informações e incentiva o diálogo e a participação ativa dos estudantes durante a exposição. Isso possibilita a compreensão dos determinantes sociais da educação, porque permite o questionamento, ao mesmo tempo em que proporciona a aquisição de informações, favorece suas análises críticas, resultando na produção de novos conhecimentos, elimina a relação pedagógica autoritária, valoriza a experiência e conhecimentos prévios dos alunos, estimula o pensamento crítico por meio de questionamentos e problematizações.

No que tange a metodologia para abordagem da literatura surda em sala de aula, recorre-se ao método de Solé (1998) e ao método hermenêutico proposto por Jauss (1979) e Zilberman (1989) visto que, em ambas as abordagens, está evidente a centralidade do leitor na construção do sentido durante o processo de leitura; o ato de ler é entendido como um processo ativo e dinâmico, em que o leitor participa ativamente através de estratégias que envolvem a ativação de conhecimentos prévios, o monitoramento contínuo da compreensão e a ressignificação do conteúdo lido.

No método de Solé (1998), o ensino da leitura é organizado em fases – pré-leitura, leitura e pós-leitura –, nas quais o leitor é estimulado a ativar seus conhecimentos prévios, formular hipóteses e monitorar sua compreensão ao longo da leitura. Essa estrutura não apenas dinamiza o

processo, mas também promove ajustes em tempo real, permitindo que o leitor se adapte à diversidade dos textos e contextos apresentados. De forma semelhante, os teóricos Jauss (1979) e Zilberman (1989) enfatizam um ciclo interpretativo contínuo, no qual a compreensão, a interpretação e a aplicação do texto são etapas interdependentes, destacando o caráter dialógico e flexível da atividade de leitura.

Ademais, ambas as abordagens destacam a importância da contextualização e da experiência pessoal do leitor. No método de Solé, a ativação dos conhecimentos prévios e a definição de objetivos na etapa de pré-leitura são fundamentais para contextualizar a experiência do leitor com o texto. De maneira análoga, a proposta hermenêutica de Jauss e Zilberman pressupõe que o contexto histórico, cultural e social do leitor desempenha um papel decisivo na interpretação, fazendo com que suas experiências e convicções individuais influenciem a construção de significados.

Por fim, tanto Solé quanto os proponentes da hermenêutica defendem a integração entre o conhecimento prévio e a construção de novos sentidos. Enquanto o método de Solé enfatiza que as estratégias de leitura possibilitam a transferência de procedimentos gerais para diversas situações e textos, permitindo um diálogo constante com a obra, o método hermenêutico ressalta que o primeiro contato com o texto estabelece as bases para interpretações mais profundas. Essa interação entre resgate de conhecimentos e a criação de novos significados reforça o caráter dinâmico e interativo da leitura, colocando o leitor como protagonista fundamental no processo interpretativo.

Em síntese, o presente estudo reafirma a relevância da literatura surda não apenas como ferramenta de inclusão e formação crítica, mas também como instrumento que propicia o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras. Ao articular conceitos clássicos da teoria hermenêutica com inovações recentes em estratégias de ensino e recursos tecnológicos, a proposta evidencia o potencial transformador de uma educação que integra diversas formas de expressão e valoriza as identidades culturais dos alunos. Contudo, reconhece-se que o alcance efetivo dessas práticas depende da superação de barreiras normativas e estruturais, como as dificuldades de implementação da Libras no cotidiano escolar. Dessa forma, recomenda-se que investigações futuras se

debrucem sobre dados empíricos e estudos de caso que comprovem os benefícios dessas atividades, reforçando a validade da proposta metodológica e contribuindo para o aprimoramento das políticas de inclusão.

Para enfatizar o impacto social da proposta, o texto destaca o papel transformador da literatura surda ao promover a efetiva integração de alunos surdos e ouvintes no ambiente escolar. Essa abordagem possibilita a reflexão crítica sobre os desafios pedagógicos atuais ao mesmo tempo em que estimula a necessidade de repensar os currículos e fortalecer a formação continuada dos docentes.

Pesquisas empíricas recentes reforçam a eficácia da utilização de materiais adaptados na promoção de práticas pedagógicas inclusivas. Estudos de caso realizados em escolas que adotaram recursos multimodais, combinando a Língua Brasileira de Sinais, textos adaptados e recursos digitais, demonstram uma melhora significativa na compreensão leitora e na interação dos alunos surdos com o conteúdo. Por exemplo, pesquisas conduzidas por Silva *et al.* (2021) evidenciaram que a implementação de materiais adaptados contribuiu para o desenvolvimento da autonomia e da identidade crítica dos estudantes, comprovando a relevância de integrar essas práticas ao cotidiano educativo. Tais evidências sugerem que a adaptação dos materiais didáticos e a capacitação constante dos docentes são estratégias fundamentais para a efetivação da inclusão no ambiente escolar.

A análise aqui apresentada evidência que, embora haja uma base normativa e teórica sólida em apoio à inclusão, a prática pedagógica ainda enfrenta desafios significativos, sobretudo na capacitação dos docentes em Libras e na oferta de materiais adaptados. Esse contraste entre o ideal normativo e a realidade prática representa uma oportunidade para o desenvolvimento de estratégias de intervenção, as quais devem ser monitoradas e avaliadas com instrumentos que permitam mensurar os resultados das atividades pedagógicas propostas.

Considerações finais

A análise empreendida neste artigo evidencia que a Literatura Surda representa, de fato, um campo repleto de possibilidades pedagógicas para a promoção de uma educação inclusiva. Ao integrar aspectos da hermenêutica (Bleicher, 1992), dos direitos à literatura (Candido, 1995) e das estéticas da recepção (Jauss, 1979; Zilberman, 1989), o estudo aponta para uma abordagem que valoriza a pluralidade interpretativa e as especificidades culturais dos alunos surdos.

Assim, os referenciais normativos, expressos na BNCC e na legislação que regulamenta a Libras, aliados aos argumentos teóricos e empíricos discutidos, constituem a base necessária para a implementação de práticas pedagógicas que rompam com a exclusão e promovam a inclusão. As atividades pedagógicas aqui propostas demonstram seu potencial transformador ao fomentar o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação, além de estimular a reflexão crítica acerca dos valores morais e sociais presentes na literatura.

Portanto, a Literatura Surda, ao ser incorporada de maneira sistemática no ensino de Língua Portuguesa, não apenas contribui para a formação integral dos alunos, mas também fortalece os princípios democráticos e inclusivos na escola, promovendo a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Embora a Base Nacional Comum Curricular, aliada às normativas da Lei 10.436 e do Decreto 5.626, estabeleça um marco normativo robusto para a inclusão plena do aluno surdo, na prática, verifica-se uma divergência significativa entre o referencial teórico, que valoriza a formação de um leitor crítico e a utilização de estratégias interpretativas eficazes, conforme Solé, (1998), e a realidade dos estágios docentes, onde a ausência de preparação específica em Libras e a escassez de materiais adaptados configuram uma lacuna na efetivação desses princípios inclusivos.

Diante dessa análise crítica, torna-se imperativo que os desafios identificados sejam convertidos em práticas pedagógicas revisadas. A integração de atividades que contemplem não apenas a dimensão estética da literatura, mas também os mecanismos de interpretação e mediação cultural, revela-se crucial para superar as barreiras existentes. Essa

continuidade propõe um aprofundamento das questões abordadas, incentivando uma abordagem integradora que dialogue com as lacunas metodológicas apontadas e promova a efetividade dos direitos e da cidadania dos alunos surdos, aspecto que pode ser enriquecido por meio de evidências empíricas que validem tais intervenções.

Referências

- BLEICHER, J. **Hermenêutica contemporânea**. Tradução: Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1992.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 29 fev. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, 25 de abril de 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 fev. 2024.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/D5626.htm. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. O Direito à Literatura. 3ª Edição. São Paulo: Duas Cidades, 1995
- JAUSS, H. R. **A estética da recepção**: colocações gerais. Trad. Luiz Costa Lima e Peter Naumann. In: et al. A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Seleção, coordenação e prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.
- KARNOPP, L. B.; MACHADO, R. N. Literatura surda: ver histórias em língua de sinais. 2 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006.
- KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: Análise da Literatura Surda. **Cadernos de Educação** | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [36]: 155 - 174, maio/agosto 2010.

MOURÃO, C.H.N. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, 2011.

OLIVEIRA, C. E.; BOLDO, J. **A cigarra surda e as formigas**. Erechim, RS: Corag, 2002. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/434051891/A-cigarra-surdae-as-formigas-pdf>. Acesso em 10 fev. 2024.

ROJO, R. H. R.; MOITA LOPES. Linguagem, códigos e suas tecnologias. In: BRASIL/DPEM. **Orientações curriculares do ensino médio**. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004.

SILVA, M. R.; SANTOS, L. P., OLIVEIRA, J. D.; ALMEIDA, R. F. A eficácia dos materiais adaptados na promoção de práticas pedagógicas inclusivas: um estudo de caso em escolas públicas. **Revista Brasileira de Educação Inclusiva**, 26(2), p. 123-145, 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STOCK, I. M. – A Importância da Literatura Surda no Desenvolvimento Educacional da Criança Surda. **Revista Eficaz** – Revista científica online. ISSN 2178-0552, 2010.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/41857386/As_imagens_do_outro_sobre_a_cultura_surda. Acesso em: 15 fev. 2025.

SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em libras**. [tradução Gustavo Gusmão]. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf. Acesso em: 15 fev. 2025.

ZAPATER, A. R.; SILVEIRA, D. M.; VITTA, A.; PADOVANI, C. R.; SILVA, J. C. P. da. **Postura sentada**: a eficácia de um programa de educação para escolares. Ciência & Saúde Coletiva, 9(1). 2004. 191-199.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.